

## MAIS QUE UM MERO DICIONÁRIO

Prof<sup>a</sup>. Ms. Josimey Costa da Silva<sup>1</sup>

### Resenha da obra:

*Dicionário de filmes brasileiros: longa-metragem*. SILVA NETO, Antônio Leão da. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: A. L. da Silva Neto, 2002, 940 pp. (IBSN N<sup>o</sup> 85-900595-2-9)

A maioria das pessoas numa sala de cinema não tem paciência para acompanhar os créditos finais dos filmes a que assiste. Na verdade, uma parcela significativa até levanta das cadeiras quando imagina que o fim é um certo tom da música ou um determinado desfecho de diálogo. Com isso, esse tipo de público perde detalhes importantes e bastante elucidativos a respeito das obras cinematográficas, inclusive cenas que se intercalam aos créditos ou encerram a projeção, desvendando as charadas que os roteiros muitas vezes lançam.

Esse com certeza não é um problema do pesquisador autônomo da cinematografia brasileira Antônio Leão da Silva Neto, um executivo com formação em Economia. Sem encomenda nem atrelamento a instituição acadêmica alguma, ele próprio bancou a publicação de um livro desde então fundamental para qualquer estudante, curso ou publicação que se dedique ao cinema tupiniquim: o “*Dicionário de filmes brasileiros: longa metragem*”.

Silva Neto é não somente um espectador que, apaixonado pela ‘sétima arte’, lê os créditos dos filmes. Ele *transportou* os créditos para o seu dicionário, que começa, como qualquer livro do gênero, pela siglas utilizadas. Ali, antes do primeiro verbete, já se percebe o teor da obra: as siglas anunciam que os leitores vão encontrar informações sobre tudo o que é esperado saber a respeito de um filme – como direção, produção e roteiro – mas, também, detalhes inesperados como diretor não-creditado, claquetista e pseudônimos.

No Prefácio do livro, Rubens Ewald Filho faz justiça aos fãs do cinema: “se não fossem eles, a memória e a própria História do Cinema seriam infinitamente mais pobres”. Para esse cinéfilo famoso, autor do “Dicionário de cineastas” (1<sup>a</sup> ed.: 1988), que passeia pela cinematografia mundial, a obra de Silva Neto constitui um “livro de consulta, de

---

<sup>1</sup> Professora de Comunicação Social e integrante do GRECOM – Grupo de Estudos da Complexidade, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte; membro do COMPLEXUS - Núcleo de Estudos da Complexidade e do CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da mídia, ambos na PUC/SP.

informação, de referência, feito por um fã de cinema para outros fãs. Só que com o rigor e precisão de um catedrático”.

Uma recomendação assim cria bastante expectativa, mesmo se tratando de um dicionário, de que sempre se espera muito. E se o tema dicionarizado é o cinema brasileiro, tão carente de registro e sistematização, os números chegam a impressionar. Já na capa, a promessa se estampa: “dicionário completo com: ficha técnica, resumo da história, premiações, mini-biografias, comentários, curiosidades, etc...” sobre 3.883 filmes. Desses, 3.415 foram completamente produzidos; outros 215 estão inacabados e mais 253 estão em andamento, e assim foram relacionados.

Nas 940 páginas do livro, é possível descobrir muito desse universo mal adivinhado do cinema brasileiro de longa-metragem. Os registros começam por 1908, ano da produção de cinco filmes, todos no Rio de Janeiro: “Viúvo Alegre” e “Viúva alegre”, ambos com produção de Pascoal Segreto e direção de Giuseppe Labanca; “Triunfo de Nero”, dirigido por Júlio Ferrez; “Telegrama número nove”, dirigido por Eduardo Leite; e “O comprador de ratos”, dirigido por Antônio Serra, todos no Rio de Janeiro.

Algum leitor habituado a consultar dicionários poderá questionar como a informação histórica pôde ser obtida nessa forma através de um livro que lista seus verbetes por ordem alfabética. A resposta está nos apêndices, que se constituem de um índice, que relaciona os filmes por ano de lançamento ou produção, e de um resumo com a quantidade de filmes produzidos por ano e década. O auxílio é precioso para qualquer pesquisador, que assim pode, sem grandes esforços de busca, pôr por terra noções como a de que, na década de 80, por conta dos desatinos do Governo Collor, não se produziram filmes no Brasil.

Tal informação errônea consta da própria apresentação do livro, mas uma consulta ao Índice Geral mostra uma infinidade de produções cinematográficas durante essa década – quase todas do tipo pornográfico, e talvez tenha sido isso o que o apresentador quis apagar da história. Porém, entre as produções, estão outras, como o documentário “Brás Cubas”, de Santiago Alvarez e Orlando Senna (1989), que trata dos problemas do Brasil e de Cuba, feitas numa parceria entre um diretor brasileiro e um documentarista cubano (Alvarez). Também não se pode esquecer – e o dicionário não esquece – toda uma safra de filmes dos Trapalhões, que, embora comerciais, são importante como característica de um certo tipo de cinema que se faz no Brasil.

No extremo oposto do período histórico abrangido, o dicionário aponta ainda 21 filmes recém-produzidos (2002), que agitaram o meio tanto por suas qualidades, como por seus temas ou pelas polêmicas que suscitaram. É o caso de “Cama de gato”, dirigido por Alexandre Stockler, e de “Madame Satã”, dirigido por Karim Ainouz e detentor de vários prêmios em festivais internacionais.

A não ser que surja algum título misteriosamente desconhecido e fora do alcance do mercado, a obra de Silva Neto é a primeira do gênero no Brasil. O mercado editorial de outros países começou antes a publicar esse tipo de livro, representado pelo “Dicionário de Filmes” (1993), da autoria do francês Georges Sadoul e bastante utilizado pelos estudiosos da área. O grande mérito dele é relacionar filmes europeus que não constam de catálogos de filmes de locadoras de vídeo que, por sua vez, são as grandes fontes de consulta para quem quer dados técnicos sobre filmes brasileiros e estrangeiros. Mas aí é que está o problema: os catálogos só apresentam filmes que estão disponíveis para aluguel e venda, mas não as produções raras, as preciosidades, as antiguidades, os insucessos comerciais.

Outra publicação impressa focada sobre a produção brasileira é do Grupo Folha, organizada por Amir Labaki: “O cinema brasileiro: de O pagador de promessas a Central do Brasil” (1998), uma bela edição bilíngüe (português e inglês). O livro é uma coletânea de artigos críticos sobre filmes significativos do panorama nacional, compreendendo o período de 1962 a 1998, acrescida de uma breve, porém útil cronologia do cinema brasileiro e da filmografia dos diretores elencados no livro através do comentários sobre os seus filmes. É claro que isso promove um aprofundamento do olhar sobre cada um dos filmes, mas o período é curto e os filmes são poucos.

Num dicionário, não é possível reproduzir grandes críticas aos filmes, mas Silva Neto tenta compensar isso com trechos de comentários no final de muitos verbetes. Para tanto, se valeu de múltiplas fontes de consulta, entre referências bibliográficas, revistas, jornais, catálogos, arquivos pessoais cartazes, fichas de filmes e *sites* da Internet. Ele próprio possui um grande acervo de filmes da bitola 16mm e uma publicação anterior sobre o assunto: “Astros e estrelas do cinema brasileiro” (1998), também um dicionário com 1.400 biografias.

Se há um pecado que o dicionário comete, talvez este seja de ordem técnica, gráfica mesmo: falta um índice que mostre a página de início de cada um dos três capítulos, o que

dificulta um pouco a busca, já que a ordem alfabética dos filmes se refere a capítulos específicos. No mais, as promessas de capa estão cumpridas, o que neste caso não é realmente pouca coisa.

### **Bibliografia citada**

- EWALD FILHO, Rubens. *Dicionário de cineastas*. 2a. ed., São Paulo: Brasiliense, 1990.
- O cinema brasileiro: de O pagador de promessas a Central do Brasil* / organizador: Almir LABAKI. São Paulo: Publifolha, 1998.
- SADOUL, George. *Dicionário de filmes*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1993.
- SILVA NETO, Antônio Leão da. *Astros e estrelas do cinema brasileiro*. São Paulo: (edição do autor), 1998.